

DOI <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n31.05>

A apropriação de Dante pela poesia de Machado de Assis

The appropriation of Dante by Machado de Assis's poetry

Teresinha V. Zimbrão da Silva*

Izabella Maddaleno**

Resumo: A proposta deste artigo é contribuir para os estudos sobre a poesia machadiana através da análise das referências do poeta Machado de Assis ao italiano Dante Alighieri. Dialogaremos com os poucos estudos existentes sobre o tema, acrescentando a estes algumas considerações na esperança de que sejam relevantes e possam contribuir para a fortuna crítica do escritor.

Palavras-chave: Machado de Assis. Dante Alighieri. Poesia. Apropriação.

Abstract: The purpose of this article is to contribute to studies on Machadean poetry by analyzing the references of the poet Machado de Assis to the Italian, Dante Alighieri. We will dialogue with the few existing studies on the subject, adding to these some considerations in the hope they are relevant and can contribute to the writer's critical fortune.

Keywords: Machado de Assis. Dante Alighieri. Poetry. Appropriation.

Introdução

É um perigo para o poeta assinalar-se fortemente nos domínios da prosa. [...] Foi [...] o caso do autor de *Brás Cubas*. Machado de Assis poeta tornou-se [uma] vítima de Machado de Assis prosador. (BANDEIRA, 1997, p. 11)

A poesia machadiana ainda não foi devidamente estudada pela fortuna crítica do escritor, que acabou se concentrando na sua prosa. A observação feita em 1939 por Manuel Bandeira sobre a reputação do

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

** Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

poeta se ressentir da importância extraordinária do ficcionista continua válida mais de oitenta anos depois no caso de Machado de Assis. E podemos acrescentar: menos ainda foi estudado o aproveitamento da tradição literária ocidental nessa poesia. No presente trabalho, que pretende homenagear os cento e vinte anos da publicação das *Poesias Completas* de Machado de Assis, em 1901, nos propomos a dialogar com os poucos estudos existentes sobre o aproveitamento do poeta italiano Dante Alighieri na poesia machadiana. Acrescentaremos a estes algumas considerações que, esperamos, sejam relevantes e venham a contribuir para a sua fortuna crítica. Mas, antes disso, seguem algumas notas sobre o termo que estamos utilizando no título: apropriação.

Apropriação literária

Apropriação é um termo de entrada recente na crítica literária. A rigor, não foi exaustivamente ainda definido. (SANT'ANNA, 1988, p. 43).

A definição exaustiva da apropriação literária ainda está por ser feita. Na verdade, se comparada com outras metodologias, sua sistematização teórica é ainda recente. Segundo Affonso Romano de Sant'Anna, em *Paródia, paráfrase & cia* (1988), o que se pode afirmar a respeito é que se trata de um procedimento que articula o texto alheio, ressignificando-o, isto é, o texto é recortado de um determinado contexto para ser inserido em outro, estabelecendo-se então a diferença entre o original e a versão. Sant'Anna sublinha que a apropriação literária é “um gesto devorador [...] ela parte de um material já produzido por outro, extornando-lhe o significado. [...] na apropriação o autor [...] [f]az bricolagem do texto alheio. Ele não escreve, ele trans-creve, colocando os significados de cabeça para baixo” (SANT'ANNA, 1988, p. 46).

Embora a teoria da apropriação tenha surgido recentemente nos estudos literários e sua sistematização ainda careça de ser melhor desenvolvida, a prática da apropriação não é nova na literatura. O crítico Antoine Compagnon, em *O trabalho da citação* (1996), discorre a respeito da ideia de apropriação, ligando-a às discussões do século XVII e XVIII sobre a propriedade intelectual, onde sobressaía a pergunta: “se se retira do livro os empréstimos, as citações, as paráfrases, as alusões, o que resta de propriamente seu?” (COMPAGNON, 1996, p. 93). O crítico francês retoma então a respeito do tema Montaigne (1533-1592), que por sua vez retoma, da Antiguidade Clássica, Sêneca (4 a.C.-65).

A propriedade vai tentar regular a apropriação no séc. XVIII, privatizando juridicamente o discurso. Contudo, pontua Compagnon: “Não foi sempre assim – na antiguidade, o discurso era *publica materies*, do mesmo modo que a língua” (COMPAGNON, 1996, p. 102). Mas, no século XVIII, fundou-se o regime jurídico da propriedade literária e então o discurso passou a ser considerado por lei propriedade privada, então se “a citação é um processo de apropriação do discurso” (COMPAGNON, 1996, p. 102), apropriar-se de algo passou a ser interpretado como roubar algo e, sendo assim, a prática da apropriação passou a ser contestadora da propriedade: “Não há nada mais real que o roubo [...] o roubo da escrita que abala toda propriedade no seu fundamento”. (COMPAGNON, 1996, p. 99).

O crítico Affonso Romano de Sant’Anna também sublinha o caráter contestador da apropriação, incluindo o seu viés contra a propriedade: “o artista da apropriação contesta, inclusive, o conceito de propriedade dos textos e objetos” (SANT’ANNA, 1988, p. 46), pois desvincula “um texto-objeto de seus sujeitos anteriores, sujeitando-o a uma nova leitura” (SANT’ANNA, 1988, p. 46). Sant’Anna ainda sublinha o caráter diferenciador do objeto apropriado em relação ao original:

“Já a apropriação propriamente dita, por se situar não no conjunto das similaridades, mas no conjunto das diferenças, é [...] uma interferência no circuito. Não pretende re-produzir, mas produzir algo diferente” (SANT’ANNA, 1988, p. 46). Enfim, a apropriação ainda está por ser exaustivamente definida. E talvez o próprio Machado de Assis tenha dado a sua contribuição para esta definição ao refletir sobre o seu fazer literário, ainda que não tenha usado o termo “apropriação”.

O deturpador de citações

O crítico Raimundo Magalhães Júnior publicou, em 1955, o estudo “O deturpador de citações” (1957), onde realiza um levantamento de diversos trechos de autores da literatura ocidental citados por Machado de Assis ao longo da sua obra. Magalhães constata então que diversas dessas citações não correspondiam ao original, o que se verifica tanto no período da juventude quanto da maturidade do escritor, e se pergunta se seria o caso de uma traição da memória machadiana por citar de cor, sem recorrer aos livros, ou se seria o caso de uma deturpação intencional. A partir de então, outros críticos revisaram o tema, interessados em entender o sentido dessas deturpações e também o seu papel na discussão sobre a originalidade e a influência literária na obra de Machado de Assis.

Teresinha Zimbrão da Silva, em “O oráculo machadiano” (2013), ao revisar o tema, decide partir das próprias declarações de Machado de Assis sobre o seu fazer literário. De fato, no decorrer de toda a sua obra, Machado foi deixando aqui e ali frases ocasionais a respeito. Silva destaca algumas com o intuito de mostrar o quanto o escritor, ao deturpar as citações, tinha consciência de que estava modificando a influência literária na sua escrita. Escreve ela: “ao refletir sobre o conceito de imitação, no ensaio intitulado ‘Antônio José’, Machado de

Assis produz uma metáfora das mais expressivas sobre o fazer literário” (SILVA, 2013, p. 335). E explica que isso se dá quando ele declara que o escritor permite a si: “ir buscar a especiaria alheia, mas há de ser para temperá-la com o molho da sua fábrica” (ASSIS, 2015b, p. 688). Silva sublinha que essa proposta ele já havia defendido antes, quando, em 1859, ao divulgar as suas “Ideias sobre o Teatro”, escrevia sobre o conceito de cópia: “Copiar a civilização existente e adicionar-lhe uma partícula é uma das forças mais produtivas com que conta a sociedade” (ASSIS, 2015c, p. 1011).

Mesmo não utilizando o termo “apropriação”, as reflexões machadianas sobre usar “especiaria alheia” temperada com “molho” próprio, e sobre “adicionar partícula” à cópia, contribuem para definir um fazer literário que se assemelha à prática da apropriação. E uma prática tal como definida anteriormente, ou seja, a partir da valorização da diferença, do disfarce, da deformação e deturpação do original.

E sobre o papel dessa temática nos estudos sobre influência e originalidade na obra machadiana, Silva tem uma proposta: “atualizar os estudos machadianos comparativos, provenientes de um contexto de estudo de influências (valorizador, sobretudo, da semelhança), para um outro contexto comparativo (valorizador da diferença)” (SILVA, 2013, p. 336). Nesse outro contexto, continua ela, “adotaremos, para melhor descrever a comparação, o conceito de *apropriação*”. A vantagem dessa mudança conceitual, defende Silva, é que “da perspectiva de estudarmos um sujeito passivo influenciado, copiator em débito com o original, passamos à perspectiva de estudar um sujeito ativo, apropriador, copista em diferença do original” (SILVA, 2013, p. 337). Silva defende que substituir “a anterior ideia negativa de passividade, contida no conceito de influência, pela ideia positiva de atividade contida no conceito de apropriação” (SILVA, 2013, p. 337) significa se posicionar de um melhor ângulo para estudar a obra machadiana em termos de

comparação. E conclui: “Afinal, o próprio Machado de Assis parece ter sido um consciente valorizador da diferença nos estudos comparativos. É o que sugerem suas reflexões sobre os conceitos de cópia e imitação nos ensaios críticos que mencionamos antes” (SILVA, 2013, p. 337).

A essas frases de Machado de Assis sobre o seu fazer literário, retiradas da obra crítica, e que podem contribuir para a definição de apropriação, podemos acrescentar algumas outras, tiradas à obra de ficção – tal como no conto “Teoria do Medalhão”, quando aconselha: “Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela” (ASSIS, 2015b, p. 264) – a que se somam ainda prólogos e advertências. De fato, no prólogo da terceira edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, comenta o escritor, no papel do finado protagonista, sobre os modelos do seu romance: “Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo” (ASSIS, 2015a, p. 599). E explica: “O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama de ‘rabugens de pessimismo’. Há na alma deste livro por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos” (ASSIS, 2015a, p. 599). Notemos que Machado sublinha que essas “rabugens de pessimismo” constituem a diferença do seu romance em relação aos modelos mencionados, ou seja: “É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho” (ASSIS, 2015a, p. 599).

E ainda, no romance *Dom Casmurro*, Machado afirma: “Este outro suplício escapou ao divino Dante; mas eu não estou aqui para emendar poetas” (ASSIS, 2015a, 940). Sua afirmação de não querer emendar poetas é uma ironia, pois faz exatamente o contrário, emendando suplícios aos inventados por Dante em *Dom Casmurro* e ao longo da sua obra.

E assim, as metáforas sobre o fazer literário machadiano vão se somando: “especiaria alheia” temperada com “molho” próprio, “adicionar partícula” à cópia, “taça” de “igual escola” mas contendo diferente “vinho”, “emendar poetas”. Notemos que todas contribuem para definir o termo “apropriação”.

Machado ainda refletiu sobre o conceito de propriedade intelectual ao escrever em *Esau e Jacó*: “As próprias ideias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega delas, verte-as como pode, e vai leva-las à feira, onde todos as têm por suas” (ASSIS, 2015a, p. 1092-1093). Portanto, o escritor também contribuiu para contestar, tanto na sua prática como apropriador quanto nas suas reflexões, o conceito de propriedade intelectual. Enfim, eis a contribuição de Machado de Assis para a definição, ainda em curso dentro dos estudos literários, do termo apropriação. Mas voltemos a Dante e à poesia machadiana.

Os estudos sobre as referências a Dante na poesia machadiana

*Dante foi entre os autores preferidos de Machado de Assis [...].
Esta predileção não é de causar estranheza. [...];
é de estranhar, ao contrário,
não tê-la os estudiosos devidamente sublinhado e analisado.
(BIZARRI, 1961, p. 18)*

Principiemos por notar que Dante é presença recorrente na obra de Machado de Assis, seja na poesia, na crítica, nas crônicas, nos contos ou nos romances. De fato, as referências dantescas, sejam elas citações diretas de versos ou não, podem ser encontradas na produção machadiana desde o poema “Versos a Corina”, de 1864, até o romance *Memorial de Aires*, de 1908. Essa presença merece maior atenção por parte da fortuna crítica do escritor, pois ainda há insuficientes estudos a respeito.

Dentre os poucos nomes que estudaram as referências dantescas, importa dialogar, no presente trabalho, com aqueles que incluíram nos seus estudos a poesia de Machado de Assis. Sem a intenção de esgotar nomes, é, sobretudo, o caso do italiano Edoardo Bizarri (1961; 1965), do francês Jean Michel Massa (2015 ; 2008), dos brasileiros Mário de Andrade (1974) e, mais recentemente, Eugenio Vinci de Moraes (2007).

Dos nomes citados, Mário de Andrade foi o primeiro a relacionar Machado e Dante, quando em 1939 publicou o seu ensaio “Machado de Assis”, em *Aspectos da literatura brasileira* (1974). O modernista interpretou então o poema machadiano “Última Jornada”, publicado em 1875 em *Americanas* e reeditado em 1901 nas *Poesias completas*, como sendo inspirado ao Canto V do *Inferno*. Ele se perguntou então: “quem o teria inspirado? ... A mim tenho como certo que foi Dante, no episódio de Paolo e Francesca” (ANDRADE, 1974, p. 100). E para demonstrar a sua tese, além de destacar, no aspecto formal, o uso machadiano dos tercetos, tal como o poeta italiano, chamou a atenção ainda para as similaridades com Dante na ideação do poema, explicitando ainda o que ele denominou de possíveis “reminiscências”, presentes no poema de Machado: “há reminiscências pequenas e, reconheço, discutíveis, do Canto V do *Inferno* [...]. Este começa, por exemplo, com o verso: ‘*Così discesi dal cherchio primaio*’ / E Machado de Assis começa o seu: ‘E ela se foi nesse clarão primeiro’” (ANDRADE, 1974, p. 100). O modernista se pergunta então se seria pura coincidência, e continua a defesa da sua tese: “Mas outras coincidências ou reminiscências prováveis aparecem. A imagem ‘Como um tronco do mato que desaba, tudo caiu’, evoca irresistivelmente o ‘*E cadi come corpo morto cade*’” (ANDRADE, 1974, p. 100). O poema apresentaria, portanto, referências indiretas ao Canto V do *Inferno*, a respeito das quais organizamos o quadro I para uma melhor visualização:

Quadro I: Reminiscências do *Inferno* no Machado de “Última Jornada”

Obra	Reminiscência dantesca de Machado	Versos d’<i>A divina comédia</i>¹
Poesia: “Última Jornada” In: <i>Americanas</i> (1875)	E ela se foi neste clarão primeiro (ASSIS, 2015c, p. 539).	Cosi discesi del cerchio primaio (ALIGHIERI, <i>Inf.</i> V, 1).
In: Poesias completas (1901)	Como um tronco do mato que desaba, Tudo caiu [...] (ASSIS, 2015c, p. 539).	e cadi come corpo morto cade. (ALIGHIERI, <i>Inf.</i> V, 142).

Mais de vinte anos depois do estudo de Andrade, o italiano Edoardo Bizarri se dedicou com fôlego ao tema em “Machado de Assis e a Itália” (1961) e em “Machado de Assis e Dante” (1965). Na sua pesquisa de 1961 a 1965, o italiano fez um amplo levantamento das citações diretas de versos dantescos referenciados na obra do escritor brasileiro, sem se preocupar em fazer interpretações. As obras citadas por Machado foram *La vita nuova* e *A divina comédia*.² Bizarri contou 23 citações de *A divina Comédia*, sendo 19 do *Inferno* e 4 do *Purgatório*, e 1 de *La vita nuova*, totalizando 24 citações dantescas. Dessas 24, Bizarri levantou uma única referência dantesca com citação de verso na poesia machadiana, a qual organizamos no quadro II:

¹ Estamos utilizando a seguinte edição bilíngue: ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Trad. Italo Eugenio Mauro. São Paulo: 34, 2010.

² Na biblioteca de Machado de Assis consta um exemplar em italiano de *La Divina Commedia*, publicado em 1868, tal como podemos constatar nas pesquisas feitas sobre essa biblioteca (MASSA, 1961; JOBIM, 2001).

Quadro II: Citação machadiana de verso de *Vita Nuova* levantada por Bizarri.

Obra	Citação de Machado	<i>Vita Nuova</i> cap. XXIII
Poesia: “Versos a Corina” Epígrafe. In: <i>Crisálidas</i> (1864) In: <i>Poesias completas</i> (1901)	<i>Tacendo il nome di questa gentilissima</i> (ASSIS, 2015c, p. 397)	[...] tacendo lo nome di questa gentilissima (ALIGHIERI, 1932, p. 36).

Notemos que a citação dantesca comparece como epígrafe de “Versos a Corina” (ASSIS, 2015c, p. 397-407), poema publicado em *Crisálidas* em 1864, e depois reeditado em 1901 nas *Poesias completas*. É o único verso dantesco citado por Machado que não é de *A divina comédia*. Todas as outras 23 citações dantescas levantadas por Bizarri são dessa obra. Além da epígrafe, há no poema, na primeira edição de *Crisálidas*, em um fragmento que foi retirado por Machado quando da publicação das *Poesias completas*, uma outra referência dantesca sem citação de verso que Bizarri não explicitou. De fato, a referência dessa vez é nominal: à Beatriz e a Dante, como podemos conferir no quadro a seguir:

Quadro III: Referência sem citação de verso explicitada pelo presente artigo.

Obra	Referência de Machado a Dante
Poesia: “Versos a Corina” Fragmento de III In: <i>Crisálidas</i> (1864)	É a doce Beatriz, flor e honra do Lácio, Seguindo além da vida as viagens do Dante. (ASSIS, 2015c, p. 627).

Contudo, ainda que Bizarri não tenha explicitado essa referência dantesca sem citação de verso, ele explicitou algumas outras, inclusive da poesia machadiana, sem a preocupação, no entanto, de fazer um levantamento exaustivo. Eis o quadro que organizamos a respeito:

Quadro IV: Referências sem citação de versos levantadas por Bizarri.

Obra	Referência de Machado a Dante
Poesia: “Camões” 10 de junho de 1880 In: <i>Gazeta de Notícias</i> In: <i>Ocidentais</i> (1901)	Quando, transposta a lúgubre morada Dos castigos, ascende o florentino A região onde o clarão divino Enche de intensa luz a alma nublada A saudosa Beatriz, a antiga amada, A mão lhe estende e guia o peregrino, E aquele olhar etéreo e cristalino Rompe agora da pálpebra sagrada. Tu que também o Purgatório andaste, Tu que rompestes os círculos do Inferno, [...] (ASSIS, 2015c, p. 565).
Poesia: “Relíquia Íntima” 15 de janeiro de 1885 In: <i>A Estação</i>	Que nessa ocasião terás presente, A esperada gravura de patente Em que o Dante regressa do Inimigo. (ASSIS, 2015c, p. 840).
Poesia: “1802-1885”. In: <i>Ocidentais</i> (1901)	Dos tiranos, e o velho e grave florentino, Que mergulha no abismo, e caminha no as- sombro, Baixa humano ao inferno e regressa divino (ASSIS, 2015c, p. 566).

Notemos que somente duas, das três referências dantescas, se encontram em poemas incluídos nas *Poesias completas* de 1901. Sabe-se que há vários poemas machadianos excluídos dessa coletânea organizada em vida pelo próprio autor.

Um outro pesquisador que também relacionou Machado e Dante foi o francês Jean-Michel Massa no artigo escrito em 1965, “A presença de Dante na obra de Machado de Assis” (2015), e no estudo de 1970, *Machado de Assis tradutor* (2008). Lembremos que, na obra poética machadiana, encontra-se a tradução que Machado realizou do Canto XXV do *Inferno*, intitulada “Dante” (ASSIS, 2015c, p. 570-575), publicada, primeiro, no jornal carioca *O Globo*, em 25 de dezembro de 1874, depois incluída em *Ocidentais* como parte das *Poesias completas* de 1901 – tradução que Massa estudou nos dois trabalhos mencionados. O crítico francês não realizou acréscimos quantitativos às citações inventariadas por Bizarri, mas fez considerações relevantes acerca da presença de Dante na obra machadiana, sobretudo no que diz respeito à tradução do *Inferno*. Massa destacou sobretudo a qualidade da tradução de Machado, o seu domínio da língua italiana e do uso da *terza rima*.

Mais de quatro décadas depois dessas pesquisas realizadas nos anos de 1960 e 1970, surgiu o trabalho de Eugenio Vinci de Moraes (2007). Na sua tese de doutorado, intitulada “A tijuca e o pântano. A *divina comédia* na obra de Machado de Assis entre 1870 e 1881”, o pesquisador revisou o levantamento quantitativo de Edoardo Bizarri, acrescentando uma citação direta de verso dantesco, presente no poema machadiano intitulado “Niâni”, publicado em *Americanas* em 1875, e depois reeditado nas *Poesias completas* de 1901. O poema escapou ao levantamento exaustivo realizado por Bizarri em 1961-1965, acréscimo que organizamos no quadro V a seguir:

Quadro V: Citação do *Purgatório* no poema “Niâni” levantada por Moraes.

Obra	Citação de Machado	Versos d’A divina comédia
Poesia: “Niâni” Epígrafe. In: <i>Americanas</i> (1875) In: <i>Poesias completas</i> (1901)	<i>che piagne Vedova, sola.</i> (ASSIS, 2015c, p. 497).	[...] che piagne Vedova e sola [...] (ALIGHIERI, <i>Purg.</i> VI, 112-113).

Com a descoberta de Moraes, o número de citações diretas de versos dantescos na obra machadiana cresceu em uma citação, somando 25 citações: 13 na obra jornalística, 10 na obra em prosa e 2 na obra poética. Ao contrário de Bizarri, cuja preocupação maior foi levantar as citações, Moraes se dedicou à interpretação de algumas, incluindo a do poema “Niâni”, que ele próprio descobriu. Ele também interpretou o poema “Última Jornada”, tal como o fez primeiro Mário de Andrade, ou seja, como sendo de fato inspirado no canto V do *Inferno*.

Saindo do campo definido pelos poemas reunidos nas *Poesias completas* de 1901, Moraes sugeriu que o verso machadiano “A boca levantou do eterno pasto” (ASSIS, 2015c, p. 798), do épico heróico-cômico “Almada” – texto publicado em fragmentos ao longo de 22 anos e que não se encontra nas *Poesias completas* –, seria uma versão machadiana do Canto XXXIII do *Inferno*: “La bocca sollevò dal fiero pasto” (ALIGHIERI, *Inf.* XXXIII, 1).

Moraes também defendeu a autoria machadiana de uma paródia a Dante e a interpretou. Notemos que em *Vida e obra de Machado de Assis* (1981), Raymundo Magalhães Júnior comenta sobre uma possível paródia de Machado ao *Inferno* de Dante, sob o pseudônimo de Dr. Semana, publicada em crônica de 12 de julho de 1874 na *Semana Ilustrada* sob o título “Inferno – canto suplementar ao poema de Dante pelo Dr. Semana”, composta por 109 versos. Pois foi essa paródia,

que, obviamente, não se encontra nas *Poesias completas* de 1901, que Moraes defendeu e interpretou como sendo, de fato, machadiana.

Cabe ainda mencionar a dissertação de mestrado de Audrey Ludmilla do Nascimento Miasso (2016), *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*, trabalho que depois foi publicado em livro (MIASSO, 2017). Miasso não realizou acréscimos quantitativos às citações dantescas já levantadas, mas contribuiu com interpretações das epígrafes de “Versos a Corina” e “Niâni”. Quanto aos estudos posteriores a Massa sobre a tradução machadiana do Canto XXV do *Inferno*, não nos deteremos a respeito neste trabalho, pois já escrevemos um artigo sobre o tema. Na verdade, no horizonte da fortuna crítica machadiana das últimas décadas, além do trabalho de Moraes, surgiram alguns estudos interpretando as citações dantescas levantadas por Bizarri desde 1961-1965, e que não cabe a este trabalho comentar pois não incluem a poesia machadiana.

A apropriação de Dante nas *Poesias completas*

Creo que nuestra tradición es toda la cultura occidental [...] los argentinos, los sudamericanos en general [...] podemos manejar todos los temas europeos, manejarlos sin supersticiones, con una irreverencia que puede tener, y ya tiene, consecuencias afortunadas.

(BORGES, 1998, p. 200-201)

Notemos que é com irreverência que o deturpador de citações Machado de Assis maneja e se apropria dos temas da cultura ocidental, sem quaisquer superstições, antes com consequências afortunadas. De fato, as referências ao centro cultural, à Europa, à ex-metrópole, comparecem apropriadas na obra desse sul-americano, escritor de uma

ex-colônia, em maior ou menor grau modificadas e deturpadas. Tal é o caso da apropriação machadiana de Dante nas *Poesias completas*.

De fato, considerando as referências ao poeta italiano já mencionadas, principiemos por notar as possíveis³ deturpações literais nas duas únicas citações de versos dantescos nas *Poesias completas*, ou seja: na epígrafe de “Versos a Corina” – “lo” no original, comparece “il” na versão – o que por si só não altera o sentido do verso: “calando o nome dessa gentilíssima” (tradução nossa); na epígrafe de “Niâni” – “e” no original, comparece “,” na versão – o que também por si só não altera o sentido: “viúva e só” (tradução nossa).

O que altera o sentido do verso é a sua deturpação não literal: retirado do contexto cânonico da ex-metrópole, é “rebaixado” à epígrafe de uma obra desconhecida da ex-colônia. Se no original “calando o nome dessa gentilíssima” se refere a uma personagem literária consagrada, a italiana Beatriz, na versão “rebaixada” se refere à prosaica brasileira Corina. Por sua vez, se em Dante o verso “viúva e só” se refere à cosmopolita Roma, cidade universal, em Machado este se refere à personagem provinciana Niâni, índia local. Com irreverência, o escritor sul-americano Machado de Assis maneja, deturpa e se apropria na sua literatura do tema europeu, “rebaixando-o” às dimensões do contexto cultural da ex-colônia onde este é inserido. Ao mesmo tempo que, ao colocar Dante como epígrafe de seus poemas, ou seja, uma moldura clássica num quadro prosaico, Machado “eleva” o prestígio da sua poesia e a insere na cultura ocidental.

Notemos também que os versos machadianos indicados por Andrade como reminiscências de Dante não se revelam como uma tradução direta de versos do Canto V do *Inferno*. As referências

³ Existe a possibilidade de que essas pequenas diferenças entre o original dantesco e a versão machadiana, que não alteram o sentido dos versos, não sejam deturpações intencionais: problemas de edição, citação de memória, etc.

dantescas no poema “Última Jornada” são indiretas e não literais, por isso mesmo Mário de Andrade as denomina de “reminiscências” e o presente trabalho as denomina também, à semelhança das epígrafes com autoria explícita, de apropriações. Machado recortou os versos do seu contexto clássico e universal de origem e os inseriu, a partir de uma tradução livre, no contexto da sua poesia indianista e local, e assim renovou-os, estabelecendo uma diferença entre o original e a sua versão. Se ele não definiu então a origem autoral é porque, como ele mesmo sublinhou, nem sempre as ideias conservam o nome do pai, daí cada um pega delas e verte-as como pode, e quando as expõe, todos as têm por suas.

Na verdade, o escritor parece ter seguido os seus próprios conselhos: copiou preciosa especiaria alheia, no caso, a dantesca, além de adicionar-lhe uma partícula, e assim temperá-la com o molho de sua fábrica. Ou ainda: renovou o sabor das citações a Dante, intercalando-as nos seus poemas, obtendo, a partir dessa irreverente apropriação e deturpação, as consequências afortunadas de uma produção nova, original e bela. Afinal, definindo ou não a autoria das referências, a apropriação, como sublinharam Sant’Anna e Compagnon, contesta sempre o conceito de propriedade dos textos, pois ao sujeitá-los a um outro contexto, motiva uma nova leitura, desvinculando o texto de seus autores anteriores.

Considerações finais

As citações ao europeu Dante são apropriadas pelo brasileiro Machado, com irreverentes modificações e deturpações, com consequências em termos de originalidade e de universalidade das mais afortunadas. Ao contrário do que afirma em *Dom Casmurro*, Machado de Assis está na sua obra a emendar poetas, e no seu fazer literário

sobressaem as recorrentes emendas, deturpações ou apropriações a Dante Alighieri. Considerando, pois, as referências dantescas, ou seja, as emendas machadianas ao poeta Dante, acrescentamos algumas considerações aos trabalhos anteriores da crítica sobre as *Poesias completas*, que, esperamos, possam contribuir para os estudos machadianos.

Referências

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Edição bilíngue. Trad. Italo Eugenio Mauro. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. São Paulo: Editora 34, 2010. v. 3.

ALIGHIERI, Dante. *La vita nuova di Dante Alighieri*. Firenze: Bemporad, 1932.

ANDRADE, Mário de. Machado de Assis. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo: Livraria Martins editora, 1974, p. 97-102.

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. 3 ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015a. v. 1.

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. 3 ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015b. v. 2.

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. 3 ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015c. v. 3.

ASSIS, J. M. Machado de. *Obra Completa*. 3 ed. São Paulo: Nova Aguilar, 2015d. v. 4.

BANDEIRA, Manuel. O poeta. In: ASSIS, J. M. Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. v. 3. p. 11-14.

BIZARRI, Edoardo. Machado de Assis e a Itália. *Caderno do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro*, São Paulo, n. 1, 1961.

BIZARRI, Edoardo. Machado de Assis e Dante. *Caderno do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro*, “O meu Dante”, São Paulo, n. 5, p. 133-144, 1965.

BORGES, Jorge Luis. El escritor Argentino y la Tradición. In: BORGES, *Discusión*. Madrid: Alianza Editorial, 1998. p. 188-203.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

JOBIM, Luis (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MAGALHÃES Jr., Raimundo. O deturpador de citações. In: *Machado de Assis desconhecido*. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MAGALHÃES Jr., Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. v. 1.

MASSA, Jean-Michel. La Bibliothèque de Machado de Assis. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, v. 6, n. 21-22, p. 195-238, 1961.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Trad. O. S. Ferraz. Belo Horizonte: Crisálidas, 2008.

MASSA, Jean-Michel. Presença de Dante na obra de Machado de Assis. Tradução de E. V. de Moraes; M. A. C. Capello. *Machado de Assis em linha*, São Paulo, v. 8, n. 16, p. 138-148, dez. 2015.

MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. 2016. 433f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

MIASSO, Audrey Ludmilla do Nascimento. *Epígrafes e diálogos na poesia de Machado de Assis*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

MORAES, Eugênio Vinci de. *A tijuca e o pântano. "A Divina Comédia" na obra de Machado de Assis entre 1870 e 1881*. 2007. 179f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. O oráculo machadiano. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 33-345, 2013.

Recebido em: 31/08/2021
Aprovado em: 01/10/2021